

O sujeito lacaniano e a organização rizomática: devires-máquinas-de-guerra

Ketlle Duarte Paes
Felipe Amaral Borges

INTRODUÇÃO

O processo de fragmentação pelo qual passou a sociedade nos últimos séculos engendrou a emergência de um tipo particular de racionalidade que subordinou o pensamento múltiplo ao pensamento único (DELEUZE; GUATTARI, 2007). Conforme os autores, durante esse processo, estabeleceu-se o pensamento binário que produziu a metafísica, privilegiando a transcendência em detrimento da imanência. Assim, como forma de transgredir o pensamento único, os autores propõem o pensamento múltiplo, baseado na noção de rizoma.

Página 670



REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 3 | N. 7 | AGOSTO | 2016 | ISSN: 2358-6311



Pensar o rizoma permite a expressão das multiplicidades sem que se recorra ao pensamento dialético ou binário e sem relacionar-se ao uno. O rizoma compreende um plano que não é feito de unidades, mas de dimensões moveidças sem começo nem fim. O rizoma “é feito somente de linhas: linhas de segmentariedade, de estratificação, como dimensões, mas também linhas de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 32). A heterogeneidade do rizoma figura ao lado da multiplicidade. A multiplicidade se dá quando o múltiplo, o distinto, o heterogêneo, é tomado como substantivo. Não há no rizoma pivô ou centro, pontos ou posições. O rizoma é composto de planos que se sobrepõem, se dobram.

O pensamento único também produziu uma ideia de homem-substância que tolhe a multiplicidade, a *diferença* e a contingência em nome de leis necessárias, do espírito absoluto da história, do ser e do tempo linear. Esse homem-substância é o fundamento dos valores primaciais da modernidade, a racionalidade, a liberdade e o individualismo, que constituem a base sobre a qual se erigiram as ciências humanas de maneira geral e a ciência das organizações de maneira particular.

Entretanto, contra esse regime de verdade vários golpes foram desferidos. É sabido que essa hegemonia é questionada, tanto no campo mais amplo das

ciências humanas (Nietzsche, Freud, Marx, Lacan, Deleuze) quanto no campo mais restrito das teorias organizacionais (CLEGG; HARDY, 1998; PAULA, 2012; 2013; ALCADIPANI; TURETA, 2009; PEREIRA; CARRIERI, 2005; MISOCZKY; FLORES, 2009; MISOCZKY, 2009).

Assim, o primeiro pensador que começou a questionar a noção de sujeito foi Karl Marx (1818-1883) para quem os indivíduos se constituem a partir das condições materiais de sua produção. Contudo, a crítica mais contundente desferida contra a tradição filosófica ocidental veio de Friedrich Nietzsche (1844-1900) para quem, o sujeito longe de ser uma substância, é, pois, um lugar vazio, emergindo nas relações de poder e atravessado por forças sociais e libidinais.

Se Nietzsche, desfere um golpe mortal à concepção de sujeito na modernidade é Sigmund Freud (1856-1939) que exuma o que resta do cadáver, com sua invenção, o inconsciente. Por essa noção, Freud, deixa evidente que o ser humano é movido por impulsos e afetos inconscientes. Assim, Freud impingiu à humanidade, como ele próprio gostava de dizer, a terceira ferida narcísica, qual seja, a de fazer saber que o Eu, ao contrário do que pensa, não é o senhor em sua própria casa. As três feridas narcísicas desferida contra a humanidade, Segundo Freud (1996[1916]) são: Copérnico quando afirma que a Terra não é o centro do universo,

Darwin quando diz que descendemos dos primatas e Freud quando diz que o Eu não sabe de si, como pensa saber.

Apesar de Freud contribuir sobremaneira para o descentramento do sujeito moderno com a invenção do inconsciente, será Jacques Lacan, quem irá teorizar sobre a noção de sujeito, nomeando-o como falta-a-ser. Para Lacan, o sujeito é o que se encontra no intervalo da cadeia significativa, sendo pontual e evanescente, marcado pelo desejo inconsciente de completude.

É importante refletir sobre a noção de sujeito na modernidade, dela derivam as bases epistemológicas que sustentam as ciências sociais e suas disciplinas especializadas, como a teoria das organizações. É sabido que a epistemologia hegemônica nas ciências sociais é o positivismo cuja noção de homem subjacente é a do sujeito-substância pleno e racional. Isso conduz a uma visão de ciência baseada no princípio da verificação, na crença de neutralidade axiológica e na busca por uma unidade metodológica das disciplinas científicas (HESSEN, 2003).

Nesse ensaio, essa noção de homem-substância está associada metaforicamente à ideia de espaço estriado, de Deleuze e Guattari, espaço da ordem e da métrica e, portanto, da organização-árvore que se fundamenta em uma raiz pivô, reflexo do pensamento único. Este é o espaço do sedentarismo, da captura pelos aparelhos de

estado, espaço da Lei e da técnica. Em contraposição a essa visão territorializada de homem, propomos o sujeito falta-a-ser, associado metaforicamente à ideia de espaço liso e nômade, espaço da contingência e do vivido, e, portanto da organização-rizoma, sem fundamento último, reflexo da *diferença*, das linhas de fuga e do pensamento múltiplo. O sujeito falta-a-ser figura, aqui, como expressão da máquina de guerra deleuzoguattariana, veículo do nomadismo, insurgência contra o estado.

SOBRE O CAMINHO A SER PERCORRIDO: POR QUE ENSAIAR SOBRE O SUJEITO?

Esse texto tem o propósito de refletir sobre a noção de sujeito da psicanálise lacaniana em sua relação com as noções de rizoma e máquina de guerra, oferecidas por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, no âmbito dos estudos organizacionais. Longe de propor um modelo organizacional neutro, esse ensaio, objetiva problematizar as bases epistemológicas da noção de sujeito que subjaz à ideia hegemônica de organização, suportada por um regime de verdade pautado na racionalidade, no individualismo e na finalidade.

O trabalho que se segue está inserido numa série de tentativas de pensar a organização para além do pensamento único e universalizante. Seu caráter ensaístico e não conclusivo, não progressivo, não linear, não pressupõe uma

urdidura de ideias que resulte em tecidos e tramas resistentes e confiáveis. Pelo contrário, os conceitos se amalgamam, se entrelaçam e se fundem, de forma desordenada e fluida como num feltro (DELEUZE; GUATTARI, 2007). O feltro é o não-tecido, sem avesso e sem direito, liso, aberto e ilimitado, fluindo em todas as direções. A escrita aqui, não é mero instrumento de transmissão do texto; a escrita é processo. É na escrita que se dá o nomadismo, a violência do texto-máquina-de-guerra.

Questionar as ideias que pairam em torno do tema do sujeito nos EOs é como fazer uma literatura menor (DELEUZE; GUATTARI, 2014). Tem, assim, algo de kafkiano, como um Castelo com múltiplas entradas, ainda que construído como uma toca¹, com descrições que não pretendem nada senão confundir o inimigo, subverter o agente de estado. Fazer uma literatura menor é escrever a voz da minoria, é desterritorializar a língua, como Kafka faz com o alemão. Aos judeus de Praga lhes era negado o acesso a escrita, a literatura lhes era impossível. Mas era impossível não escrever, impossível escrever em alemão, impossível escrever de outro modo. (DELEUZE; GUATTARI, 2014)

¹ A referência aqui é à obra de Franz Kafka traduzida para o português como "A Construção", chamada originalmente *Der Bau*, e traduzida para o francês como *A Toca*, termo que, por sua animalidade, é o mais adequado para figurar na conceituação de Deleuze e Guattari.

O ensaio surge, então, como o formato de excelência. Foge à tentativa de explicação, dá espaço à experimentação. O que fazemos aqui é isso, estamos ensaiando e experimentando a conexão entre conceitos distintos, em um espaço outro. Jorge Larrosa (2004, p. 32), ao falar sobre a ideia foucaultiana de ensaio nos diz que este é um modo experimental do pensamento, “o modo experimental de um escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar”.

A discussão em torno da formulação de uma ideia de sujeito é colocada aqui arbitrariamente no seio dos estudos organizacionais. Não lhe é um tema orgânico, não é um tópico corrente. Entra aqui como um órgão transplantado, como um coração mecânico cujo ruído incomoda enquanto se faz sentir, a inconveniente presença demarcada a cada instante. Problematizar as concepções de sujeito que regem os EOs faz-nos estrangeiros, intrusos. “O intruso se introduz por força, por surpresa ou por astúcia; em todo caso, sem direito e sem haver sido admitido de antemão.”², nos diz Jean-Luc Nancy³ (2006, p. 11). Ele pensa aqui, antes de tudo, no coração que recebeu por transplante.

² El intruso se introduce por fuerza, por sorpresa o por astúcia; en todo caso, sin derecho y sin haber sido admitido de antemano.

³ Tradução nossa.

Jacques Derrida (2003), ao travar diálogo com Anne Dufourmantelle, fala sobre a hospitalidade. A hospitalidade absoluta de que fala Derrida é aquela que, diferente de ser oferecida gentilmente ao hóspede convidado, é dispensada ao estranho, ao estrangeiro, sem nome próprio, sem família, sem referências. Uma hospitalidade que se dá sem reciprocidade, sem garantia de retorno.

Questionar as concepções de sujeito, fazer-nos pensar sobre o tema atípico é introduzir – intrometer, quiçá – um elemento estranho aos EOs. Testar sua receptividade a temas novos, sua abertura ao novo. Marcapasso cuja presença se faz notar, relógio que marca-o-passo do desenvolvimento do campo. Tic-tac constante que desestabiliza a tranquilidade das certezas consagradas.

No lugar de oferecer uma solução para questão, propomos aqui um exercício de reflexão, que se dá a partir das metáforas oferecidas por Gilles Deleuze e Felix Guatarri em seus Mil Platôs. Notadamente, a ideia de rizoma² tem papel central nesta reflexão, mas a máquina de guerra, concebida por uma ciência nômade, se conecta diretamente a este conceito e nos auxilia na compreensão da elaboração teórica pretendida.

Trata-se de fazer aqui, portanto, um exercício de reflexão teórica e uma proposição política que visa contribuir para os estudos organizacionais com a mobilização de pressupostos epistemológicos transgressores, como a contingência,

o inconsciente e seus afetos (amor, ódio, compaixão, egoísmo). Estes pressupostos são noções radicais, que desconstroem as leis necessárias e racionais que buscam a harmonia, a integração e a ordem como o fim natural das sociedades e das organizações.

Assim, a importância desse estudo insere-se na perspectiva de contribuição teórica para as pesquisas que buscam desnaturalizar os fundamentos epistemológicos da área da administração (CARVALHO; VIEIRA, 2007; MISOCZKY; FLORES, 2009) que veem no *management* a única e melhor forma de organizar (PARKER, 2002) fundada nos pressupostos de eficiência e do cálculo utilitário de consequência.

Novamente aqui, o formato ensaístico contribui para a demarcação da *diferença*. É a partir de Nietzsche que Foucault nos lembra da necessidade de desfamiliarização do presente: nem sempre fomos o que somos. O ensaio nos permite uma nova experimentação do presente. Assumimos, aqui, que o passado perdeu a autoridade e só pode ser lido no presente sem reverência, sem submissão. (LARROSA, 2004) Acompanhamos Serva *et al* (2010) que apontam que, apesar da necessidade urgente de desenvolver teorias que tentem explicar as práticas organizacionais de uma forma mais complexa, a grande maioria das

pesquisas desenvolvidas na área ainda apresenta métodos tradicionais de orientação positivista e funcionalista.

O SUJEITO MODERNO VERSUS O SUJEITO LACANIANO

Sujeito-substância

A noção de sujeito é uma problemática que se coloca perante diversas disciplinas, tais como a educação, o direito, a psicologia, a pedagogia, a administração e a psicanálise, assumindo sentidos diferentes conforme as tradições teóricas nas quais esteja referenciada. Assim, na tradição filosófica antiga, ele pode ser encontrado já em Platão, sendo definido por Aristóteles como um dos modos da substância (VAZ, 1991).

Na tradição aristotélica o homem é tomado com um ser que possui qualidades fixas definidas a priori, cristalizadas, sobretudo na ideia de razão. O homem foi definido por Aristóteles como *Zoon logikon*, um animal racional que fala e pensa. Na dimensão coletiva como *Zoon politikon*, um animal, membro da pólis. Para Aristóteles, o homem é complexo e tão capaz de desejos quanto de razão. O homem é o único *Zoon* com capacidade para agir orientado por uma moral, de modo que suas ações e juízos resultam ora em vício, ora em virtude (VAZ, 1991).

Nesta tradição, o sujeito é o ente ao qual se atribuem predicados, ou seja, qualidades e determinações. O significado de sujeito permaneceu inalterado através de uma longa tradição que passa por Descartes, Hobbes, Locke, Hume, Leibniz, Hegel. Entretanto, cabe aqui sublinhar que, embora possamos encontrar uma ideia de homem desde a antiguidade filosófica grega, o homem enquanto fundamento do conhecimento é algo recente na história da humanidade e emerge das reflexões de Descartes sobre o *cogito* (DOSSE, 2007).

Se a preocupação dos antigos filósofos era desvendar a origem e as transformações da natureza, o problema que se impôs à filosofia moderna ocidental era indagar sobre o conhecimento, e, portanto sobre o sujeito. É com a modernidade que valores como racionalismo, individualismo e liberdade tornaram-se essenciais e o homem colocou a si próprio como o fundamento dos fenômenos culturais (FOUCAULT, 1999).

Nietzsche (2006) observa que a história do pensamento ocidental configura-se na busca por um fundamento, por uma explicação sobre as coisas do mundo. O pensamento ocidental, desde Sócrates e Platão até os filósofos modernos Kant e Hegel, foi a história de uma ilusão que produziu a crença na identidade, na essência do ser e na verdade. Esta crença é o produto da necessidade humana de duração e apoia o anseio metafísico por um fundamento sobre as coisas.

A história da filosofia moderna se configura na cristalização da ideia de substância. Assim, o que sustenta a busca pelo conhecimento é a crença de que existe uma verdade irreduzível a ser alcançada. Entretanto, Nietzsche (2006), denuncia que a existência de uma essência do mundo é uma ficção já que no mundo, ao contrário da unidade/identidade, impera a multiplicidade, impera, por fim, o devir.

Nesse sentido, conforme assinala Mosé (2011), a crítica da ideia de sujeito é central no pensamento nietzschiano, já que é a partir da crença de que somos sujeitos, de que somos unidade, e, sobretudo, de que somos a origem do conhecimento e os depositários da razão, que se permite a produção do mundo como substância, como essência, como unidade e como universalidade. Disto isso, Mosé (2011, p. 169) afirma que a essencialidade do sujeito não é, para Nietzsche, “mais uma ficção que adquiriu valor de verdade; ao contrário, é a crença no sujeito pleno que permite a substancialização da realidade”.

Nietzsche, em sua *Gaia Ciência*, revela que a ideia do homem como medida de todas as coisas é um empreendimento moderno. Acrescenta que a metafísica moderna, que impõe um conhecimento sobre o mundo a partir de regularidades estáveis e de unidades de sentido só foi possível, a partir da produção da ideia de

sujeito. Na visão de Nietzsche, extraímos a noção de unidade do nosso conceito do “eu” como sendo racional, autônomo e causa de todas as coisas.

Essa crítica de Nietzsche, retomada depois pelos chamados filósofos pós-estruturalistas, é dirigida à *filosofia da consciência/sujeito* inspirada, sobretudo, no pensamento cartesiano/kantiano. Assim, em termos epistemológicos, o sujeito moderno, nasce das reflexões de Descartes e se consolida como sujeito do conhecimento com Kant (FOUCAULT, 1999). Para o cartesianismo, o fundamento de todo o conhecimento sobre a realidade se encontra no intelecto. O sujeito chega ao conhecimento a partir de uma faculdade que lhe é própria, a razão. E é próprio desta razão não apenas fazer aceder o conhecimento, mas também a impedir que fiquemos a mercê dos impulsos e das paixões, danosas à nossa existência (HESSEN, 2003).

O sujeito cartesiano se apresenta, sobretudo, como um ser dotado de consciência e razão, instrumentos que lhe conferem a capacidade de conhecer o mundo e a si mesmo de forma ilimitada. Kant, relativiza nossa capacidade de conhecer e passa então a indagar sobre a natureza de nosso conhecimento. Para o filósofo de Königsberg, nossa consciência lida somente com fenômenos, uma vez que a realidade não é externa ao indivíduo, mas produto de sua capacidade de pensar. Somos nós que, por meio de certas faculdades *a priori*, estabelecidas

independentes da experiência, organizamos e damos sentido à realidade. Em consequência disso, na teoria kantiana, a razão torna-se o núcleo do sujeito moderno (HESSEN, 2003).

Diante disso, importa observar que a noção de *sujeito pleno, autoconsciente e autônomo* posta em cena pela *filosofia da consciência/sujeito* é a base que sustenta a maioria das abordagens em ciências sociais, e, conseqüentemente das teorias organizacionais. Entretanto, a concepção de homem da modernidade foi posta em cheque, a partir do século XIX, pelos chamados filósofos da suspeita: Marx, Nietzsche e Freud (RICOEUR, 1977) que mobilizaram respectivamente a materialidade da história, o devir, e o inconsciente para abalar as bases do pensamento moderno e sua ideia de homem.

Sujeito falta-a-ser

O texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* apresenta a máxima lacaniana "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", conferindo, a partir desse discurso, primazia ao simbólico. Para tanto, Lacan toma de Saussure seu esquema do signo linguístico, fazendo, porém, uma torção, retificando o paralelismo entre significante e significado, deixando em seu lugar, uma função ativa do significante sobre o significado (LACAN, 1998).

Assim, conforme Arrivé (1999), Lacan lança mão do significante para recuperar o valor da palavra, conferindo ênfase na fala, em oposição a Saussure, para quem a estrela principal de suas teses é a língua. Assim, para fazer valer a dimensão inconsciente da ação do sujeito, Lacan precisou adaptar a relação entre significante e significado proposta na linguística saussuriana.

Nesse sentido a primazia do significante em Lacan (1998) sustenta seu famoso aforismo: “o sujeito representa um significante para outro significante” (LACAN, 1998, p. 508). Aqui é interessante pontuar que se Saussure, a partir da arbitrariedade do signo, busca escapar de uma correspondência psicológica e, com isso, exclui o sujeito de sua teoria, Lacan, ao contrário, recorre ao mesmo processo exatamente para inserir a questão do sujeito em sua reflexão (ARRIVÉ, 1999).

Para tanto, Lacan (1998) trabalha a noção da falta na cadeia significante e, a partir da concepção saussuriana de língua como sistema de valores diferenciais, reelabora a noção de sujeito fora da conotação ontológica que implica na alternativa entre o sujeito da liberdade radical do humanismo filosófico ou a morte do sujeito do estruturalismo.

De tal forma, importa salientar que para Lacan (1998), a produtividade do significante se verifica no erro, no equívoco, no vacilo da fala, na pluralidade de sentido, uma vez que permitem a passagem do inconsciente ao discurso. Assim, se é a estrutura da linguagem que se encontra no inconsciente, a primazia do significante sobre o significado revela o fato de que, no inconsciente, o significado é abolido, por isso, o significante só pode ser o que representa o sujeito para outro significante (LACAN, 1998).

Para Lacan (1998) os significantes se apresentam na linha do tempo, numa sucessão diacrônica. Essa estrutura de cadeia do significante envolve uma dimensão temporal que vai da antecipação significante à retroação do significado, fazendo emergir uma significação. O significado, sendo efeito do significante, aparece retroativamente, nos pontos de basta da cadeia significante (metáforas), ou para falar em termos lacanianos, nesse momento se articula o ponto de estofo, pelo qual o significante detém o deslizamento indefinido da significação.

Desse modo, Lacan (1998) observa que é a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente, sobretudo, consubstanciada em uma instância primordial, a letra. Essa assertiva pretende afastar toda a ideia segundo a qual o inconsciente é apenas a sede dos instintos. Por letra, Lacan

(1998) designa o suporte material que o discurso toma emprestado da linguagem, essa estrutura que pré-existe ao sujeito e o ultrapassa em sua finitude.

O significante, para Lacan (1998), tem autonomia perante o significado, possuindo sentido somente quando articulado a outros significantes e que só pode operar por estar presente no sujeito. O sujeito lacaniano é um efeito do significante, isso implica dizer que o sujeito não cria seu discurso, mas é causado por ele e só pode se manifestar porque encontra na linguagem um substrato que o cria e permite seu advento. O sujeito precisa da palavra para existir e para dizer-se (LACAN, 1998).

Assim, em psicanálise, a constituição do sujeito liga-se a prematuridade do bebê humano que, no desamparo do seu nascimento, necessita que alguém o alimente e cuide dele, só restando-lhe o grito como meio de mostrar algum desconforto. A primeira experiência de cuidados com o bebê deixa marcas no seu psiquismo. Porém, essa primeira experiência não é totalmente representada, algo dela se perde, há um resto que persiste sem representação e se constitui como ponto de furo por onde o desejo pode advir e convoca o sujeito a nele engendrar-se (LACAN, 1998).

Para Lacan (2008) o sujeito emerge no campo do Outro, efeito da ação da linguagem sobre o ser vivente, portanto, efeito do significante, podendo o sujeito ocupar diversas posições subjetivas conforme se ponha sob um ou outro desses significantes. No processo de constituição do sujeito atuam algumas operações às quais Lacan denomina alienação e separação.

A alienação é a primeira operação de constituição do sujeito. Sobre isso, Lacan (1998) observa que o processo de causação do sujeito é duplo e pressupõe uma relação circular, porém não-recíproca entre o ser do sujeito e o Outro para que se possa realizar.

A alienação em Lacan (1998) é própria do sujeito, cuja condição de emergir na linguagem o aliena ao significante do Outro. Assim para Lacan, não existe outra alienação a não ser a do significante. Lacan (2008) defende essa primazia do significante, a partir das descobertas freudianas sobre as formações do inconsciente, tais como os sonhos, os atos falhos, os lapsos e os chistes.

Nesses momentos de descontinuidades significantes (suspensão temporária de sentido), sem que o sujeito se dê conta disso, algo fala por ele. Esse algo que fala pela boca do sujeito, não é outra coisa senão a emergência do sujeito do

inconsciente, o outro lado da divisão do sujeito que irrompe no discurso e mostra, nos termos de Freud, que o “eu não é senhor em sua própria casa” (LACAN, 1998).

A alienação, operação fundamental para a constituição do sujeito, envolve um tipo de “escolha forçada” também chamada por Lacan de *vel* da alienação. No *vel* lacaniano, o sujeito, na confrontação com o Outro, sai imediatamente de cena, para emergir cindido e, portanto, faltoso. É, a partir dessa ideia, na visão de Fink (1998, p. 74), que surge o conceito lacaniano de sujeito como falta-a-ser: “o sujeito fracassa em se desenvolver como alguém, como um ser específico; no sentido mais radical, ele não é, ele é não-ser”, portanto sem substância.

Cabe ainda destacar, conforme Lacan (1998; 2008) que a constituição do sujeito demanda ainda de uma segunda operação fundamental, a separação, que consiste na inscrição no desejo do Outro na falta que há no intervalo da cadeia significante. Há aqui duas faltas em jogo, a do sujeito, gerada no primeiro processo de sua causação, a alienação; e a segunda falta, a do Outro, gerada no segundo processo de causação do sujeito, a separação. É no processo de separação que advém o pequeno objeto *a* por meio do qual o sujeito faz-se desejar no campo do Outro (LACAN, 1998).

Segundo Lacan (1998) a relação do sujeito com o Outro produz uma hiância uma vez que o inconsciente opera como um corte e comanda o processo de causação do sujeito. Assim, como produto da primeira operação, a alienação, tem-se o sujeito barrado/dividido em sua dependência significante, já na segunda operação, a separação, emerge um objeto que desde o início está perdido para o Outro e para o próprio sujeito, trata-se do objeto causa do desejo, o objeto a , ou seja, não se trata do objeto do desejo, mas causa de desejo, não sendo, portanto fixo, nem substancial.

Cabe observar ainda que o sujeito falta-a-ser foi formulado por Lacan como um lugar, uma função, que, ao se revelar enuncia um desejo desconhecido. O sujeito do inconsciente resulta do funcionamento e da incidência de discursos sociais e históricos sobre a carne do ser. Esses discursos são sustentados pelo Outro e organizados por referências pautadas pelo desejo. O Outro é propriamente a estrutura da qual a criança pequena deverá extrair a argamassa e os tijolos com os quais construirá a sua subjetividade (KUPFER, 2010).

RIZOMA: LINHAS DE FUGA ENTRE O LISO E O ESTRIADO

A experimentação que este ensaio enseja é a de relacionar-se, metaforicamente, a noção de sujeito lacaniano às ideias de rizoma e máquina de guerra, de Deleuze e Guattari. A metáfora pode representar uma fuga ao sufocamento do potencial

de significação das palavras (RICOUER, 2000). Ou pode representar as palavras não ditas: "Só a palavra nos põe em contacto com as coisas mudas. A natureza e os animais são desde logo prisioneiros de uma língua, falam e respondem a signos, mesmo quando se calam; [...] a rosa informulada, a ideia de rosa, só existe para o homem" (AGAMBEN, 1999). A representação metafórica se dá a partir de dois significantes dos quais um substituiu o outro, tomando o seu lugar na cadeia de significação. "[A] metáfora se coloca no ponto exato em que o sentido se produz no não-senso [...]" (LACAN, 1998).

As metáforas aqui apresentadas se constituem como conceitos filosóficos. Como tal, não se encaixam uns nos outros, não se complementam, não se ajustam. Seus limites não são claros nem bem definidos. "Eles nascem de lances de dados, não compõem um quebra-cabeças". (DELEUZE; GUATTARI, 1995. p. 51) Para pensarmos os conceitos filosóficos, precisamos projetá-los sobre um plano de imanência. O plano de imanência não é um conceito, o que o tornaria confundível com os próprios conceitos, e acabaria pela unificação e universalização dos conceitos. O plano é o absoluto ilimitado e informe, nem superfície nem volume, sobre o qual se projetam os conceitos, volumes absolutos, disformes e fragmentários.

De acordo com Machado (1990) a filosofia de Deleuze e Guattari é denominada pelos próprios autores como uma teoria das multiplicidades. A ideia de

multiplicidade mobilizada pelos autores visa à superação dos falsos dualismos da metafísica tradicional. Assim, se a realidade é multiplicidade, sua forma de realização, portanto, não é a hierarquia da árvore-raiz, mas a pluralidade do rizoma-canal (DELEUZE; GUATTARI, 2007).

A multiplicidade ensejada pelo rizoma inopera as tentativas de fixação de uma identidade, o famoso paraíso perdido, não vivido e não lido, onde há pretensão de identidade há guerras. Identidade nasce da necessidade de identificação dos supostos delinquentes, ou seja, identidade é corpo de delito, ao que o rizoma dá um basta. Identidade é a tentativa do estado de captura dos corpos moventes, nômades, múltiplos. Giorgio Agamben (2014) nos aponta, em sua "Nudez", para a técnica francesa denominada Bertillonage, desenvolvida pelo funcionário da polícia da prefeitura de Paris nos anos 70 e que se baseava na medição antropométrica e na fotografia sinalética que em poucos anos se tornou célebre no mundo inteiro. Qualquer um que já estivesse por qualquer razão preso ou detido era imediatamente submetido a um conjunto de medições do crânio, dos braços, dos dedos das mãos e dos pés, da orelha e do rosto. Logo em seguida o indivíduo suspeito era fotografado de frente e de perfil, e as duas fotografias eram coladas sobre um "papel Bertillon", que continha todos os dados úteis à

identificação, segundo o sistema que o seu inventor havia batizado de *portrait parlé*⁴. (AGAMBEM, 2014)

A fuga à identidade tentada pelo poder estatal é germe da máquina de guerra, semente do rizoma e micróbio a flutuar sobre um espaço liso. Um espaço nômade que se situa entre dois sítios estriados, a floresta e a agricultura. De um lado, verticais arborescentes, do outro, terras quadriculadas, compostas por linhas e paralelas. O espaço nômade é limitado e contido por estes outros campos com os quais trava uma oposição direta. Enquanto eles se opõem ao desenvolvimento do rizoma, este se volta contra os primeiros, corrói as florestas e impõem-se por sobre as terras cultivadas.

É justamente contra a constituição dos espaços lisos que age o estado, enquadrando o nomadismo em regras civis e métricas que a limitam, controlam e localizam, fixando um referencial. Figurativamente, o Estado subordina a força hidráulica a condutos, canos, diques, a fim de impedir a turbulência, impondo um espaço estriado e mensurado. A máquina de guerra, em seu modelo hidráulico, em oposição, busca se expandir num espaço liso, produzindo um movimento que tome todo espaço.

⁴ Agradecemos ao amigo Davi Pessoa, professor da Faculdade de Letras da UERJ, pela referência, pela tradução da edição brasileira, e pelos comentários que iniciam este parágrafo.

A máquina de guerra existe a partir de agenciamentos dos bárbaros e guerreiros; é obra do pensamento nômade. O pensamento nômade, a ciência nômade, não se fundamenta em um sujeito pensante universal, mas invoca uma raça, uma tribo singular, que transite sobre o espaço liso. Esta raça, contudo, não é uma definição qualquer, a partir da qual se pudessem instituir mitos totalitários. A tribo-raça só se constitui como raça oprimida, minoritária. Não se concebe a ideia de raça dominante, definida a partir da pureza. A raça de um grupo é definida pelas suas bordas, pelas suas franjas, pela impureza que o sistema de dominação lhe confere. “[O]s corpos coletivos sempre têm franjas ou minorias que reconstituem equivalentes de máquina de guerra, sob formas por vezes muito inesperadas[...]”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995. p. 32)

Para Deleuze (1998) um agenciamento comporta muitos elementos heterogêneos e estabelece relações entre eles, através das idades, sexos, reinos, tribos e diferenças. Um agenciamento pode ser coletivo, de enunciação ou maquínico. Um agenciamento maquínico de corpos, de ações e de paixões, supõe a mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; já o agenciamento coletivo de enunciação supõe transformações incorpóreas. O agenciamento “tem ao mesmo tempo lados territoriais ou reterritorializados, que o estabilizam, e pontas de desterritorialização que o impelem” (DELEUZE; GUATTARI, 2014).

Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. O rizoma, nele mesmo, tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos e comporta algumas características elencadas por Deleuze e Guattari (2007):

- a) Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais;
- b) Princípio de multiplicidade: as multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz, existem somente linhas;
- c) Princípio de ruptura assignificante: contra os cortes demasiado significantes que separam as estruturas, ou que atravessam uma estrutura. Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. Todo rizoma

compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma;

- d) Princípio de cartografia e de decalcomania: um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda. Um eixo genético é como uma unidade pivotante objetiva sobre a qual se organizam estados sucessivos; uma estrutura profunda é, antes, como que uma sequência de base decomponível em constituintes imediatos, enquanto que a unidade do produto se apresenta numa outra dimensão, transformacional e subjetiva.

Conforme Deleuze e Guatarri (2007) sempre que um rizoma é fechado, ossificado e arborificado, o desejo é eliminado, porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz. “Toda vez que o desejo segue uma árvore acontecem as quedas internas que o fazem declinar e o conduzem à morte; mas o rizoma opera sobre o desejo por impulsões exteriores e produtivas” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 23).

Quando se decalca, estrutura-se o rizoma, traduz-se o mapa em imagem. O rizoma se replica, mas o decalque o paralisa, enquanto o mapa mantém a

dinamicidade, o desejo. Desejo este que a arborescência verticalizou. A máquina de guerra é regida por afectos; o rizoma é liberação da sexualidade. A sexualidade não é suficientemente explicada pela oposição binária dos sexos ou por uma conjunção bissexuada de cada um dos dois. "A sexualidade coloca em jogo devires conjugados demasiadamente diversos que são como n sexos, toda uma máquina de guerra pela qual o amor passa" (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 72).

Os autores ainda destacam que um rizoma não tem começo nem fim já que ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, num entre lugar. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. "A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção 'e... e... e...'" (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p 36). Nessa conjunção há força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser, ou seja, o pensamento da identidade.

A multiplicidade do rizoma faz com que sua formação seja, portanto, fluida, volátil. No lugar de estruturas verticais arborescentes passíveis de serem ceifadas por um único e certo golpe, "um rizoma pode ser rompido, quebrado em qualquer lugar, e também retoma segundo um ou outra de suas linhas e segundo suas linhas". (Idem, p. 18) É próprio do rizoma desterritorializar-se para se reterritorializar mais além; expandir o seu espaço, desterritorializar o inimigo penetrando o seu território e rompendo-o internamente. Os fluxos que mantêm

unido o rizoma não são do tipo das dependências hierarquicamente constituídas, mas antes, são linhas contínuas omnidirecionais. Rompa-se um broto. Aniquile-se um bulbo. Roube-lhe um ramo. E o rizoma seguirá fluindo incessantemente. O germe do rizoma, capaz de brotar entre as sombras ou erigir-se a partir das fissuras, transmite-se, assim, a qualquer de suas partes.

Segundo Dosse (2013), Deleuze e Guattari se inspiram na botânica para criar o conceito de rizoma e aplicá-lo à filosofia. À maneira de Descartes que afirma que a filosofia seria uma árvore com raízes, caules e galhos, Deleuze subverte esta ideia para transformá-la em um rizoma e suas linhas de fugas. As linhas de fuga são aquelas que escapam da tentativa totalizadora e fazem contato com outras raízes, seguem outras direções. Não é uma forma fechada, não há ligação definitiva, trata-se de linhas de intensidade e de espaços lisos, sem métrica e sem ordem (DELEUZE; GUATTARI, 2007).

SUJEITO FALTA-A-SER E A ORGANIZAÇÃO RIZOMÁTICA: UM LUGAR VAZIO E UM NÃO LUGAR COMO DEVIRES-MÁQUINAS-DE-GUERRA

Antes de dialogarmos com Deleuze, Guattari e Lacan, cabe fazer uma observação sobre a polêmica dos dois primeiros com relação à psicanálise. Deleuze e Guattari, mesmo antes e depois de O Anti-Édipo, buscaram dialogar e tencionar a

psicanálise em alguns conceitos chaves, tais como o inconsciente, o desejo e a Lei do pai. De maneira geral o questionamento dos autores de Mil Platôs é que a Lei edipiana é anacrônica, na pior acepção da palavra, e que o inconsciente e o desejo não se constituem pela falta, mas pelo excesso: "o desejo não é falta, é produção, não é carência, mas excesso que ameaça transbordar" (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 101).

Contudo, cabe ressaltar também que em Deleuze e Guattari, trata-se menos de rejeitar a epistemologia psicanalítica do que pensar linhas de fuga alternativas que nascem da própria psicanálise. Embora a proposta dos autores seja superar certos anacronismos e limitações da teoria psicanalítica não deixa de se apoiar em aspectos centrais dos estudos freudianos. Isso fica evidente na fala dos próprios autores de O Anti-Édipo: "a esquizoanálise não esconde ser uma psicanálise política e social, uma análise militante" (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 102).

Lacan, apesar de nunca fazer qualquer menção explícita ao Anti-Édipo em seus estudos, depois de sua publicação em 1972 promoveu alguns reposicionamentos e torções em seus temas e conceitos, sem que isso, contudo, significasse uma ruptura com suas elaborações anteriores, mas antes um relançamento recursivo de suas questões (DOSSE, 2007).

Dito isso, retornamos a proposta central desse ensaio. Pensar o sujeito na perspectiva lacaniana é um exercício de reflexão filosófica dos mais desafiadores, pois requer que se rompa com os falsos dualismos corpo/mente, sujeito/objeto, ação/estrutura e tempo/espço. O sujeito lacaniano é não-ser, é sem substância, é um lugar vazio, o que vai de encontro com o que nos foi ensinado pela filosofia da tradição platônica que vê o sujeito como uma substância e como uma identidade fixa. O exercício de reflexão proposto requer que nos dispamos dos significantes e dos discursos que marcaram nosso devir-ser, ora, como ferro quente que marca o corpo de maneira duradoura, assim, são os significantes que participam da constituição dos sujeitos à maneira de Lacan.

Assim, romper com os discursos que nos constituem não é um exercício fácil, embora necessário se quisermos nos apropriar de pensamentos tão complexos como os de Lacan, Deleuze e Guattari. Utilizando-nos do recurso da metáfora, tão cara aos três pensadores aqui mobilizados, podemos começar nossa reflexão pensando na relação conjuntiva [e] entre o sujeito lacaniano e a organização rizomática no plano de imanência que remete a relação tempo/espço, estando nesse caso o sujeito do lado do tempo e a organização rizomática do lado do espço, assim dispostos aqui em função de uma dimensão analítica.

O sujeito lacaniano é evanescente e nômade. Ele aparece num lapso de tempo, por meio de um erro no enunciado, do chiste, de uma palavra sempre repetida, de um ato falho. Por essa ideia de sujeito falta-a-ser, Lacan questiona o tempo linear da física newtoniana e expõe um novo tipo de tempo que seria desenvolvido no inconsciente, como uma estância atemporal. Nesse sentido, para a psicanálise, o conceito de sujeito pressupõe, portanto, não somente sua localização no espaço da cultura/família, mas, ainda, a abertura de uma série temporal, um não lugar. Podemos, portanto, afirmar que onde há sujeito, há alguma forma de referência ao tempo ou, em outro termos, que o tempo é inerente ao sujeito, que ele só existe em relação ao sujeito, a uma maneira de ser que lhe é singular.

O tempo e o sujeito, por sua vez se relacionam com o espaço, uma topologia que pode ser estriada ou lisa, ordenada ou amorfa. Tempo e espaço à maneira de Milton Santos (1999) se compõem de forma dialética, sendo que um não existe sem o outro e ambos encerram uma relação de poder. Por tempo, o geógrafo entende a sucessão dos eventos e sua trama que só podem acontecer no espaço que é o meio, o lugar material da possibilidade dos eventos. Assim, para que tempo e espaço sejam conversíveis o ponto de junção é a sociedade humana realizando-se no uso do tempo e do espaço por meio da práxis.

Santos (1999) observa que é possível trabalhar o tema tempo, pelo menos em dois eixos, os das sucessões (diacrônico), pelo qual o tempo flui e a cada momento se estabelece o acontecer social que caracteriza e distingue tempos diferentes, permitindo falar de hoje e de ontem. O outro eixo é o das coexistências ou simultaneidade (sincronia), por meio do qual se busca entender as diferentes territorialidades, os diferentes usos do tempo, que se dão de forma particular por agentes e espaços distintos, mas coexistentes. Assim, é o espaço que reúne a todos, com suas diferenças, suas possibilidades diferentes de uso do espaço relacionados com possibilidades diferentes de uso do tempo (SANTOS, 1999).

A hegemonização de tempo-espaço dicotomizados auxilia na invisibilidade das formas organizacionais diferentes daquelas propaladas pela racionalidade dominante. Assim, a dialética tempo-espaço nos permite perceber na junção sucessão-coexistência a existência de diversas formas de sociabilidades/organização que utilizam o tempo de formas diferentes rompendo com a hierarquia, onde os tempos hegemônicos, geralmente são das grandes organizações e Estados, formas/instituições que reproduzem o espaço estriado da métrica. Assim, no espaço liso e amorfo o tempo flui de maneira distinta do *Kronos*, dando visibilidade aos marginais e excluídos, sujeitos a quem é negada uma história, mas não um espaço, isso porque por mais que a razão dominante não

ilumine essas existências, eles estão lá, do mesmo modo que o sujeito falta-a-ser e a organização-rizoma.

Assim, tendo por base a ideia de sujeito em Lacan, é que convidamos a uma reflexão da organização à maneira de um rizoma, tal qual proposto por Deleuze e Guattari. Desse modo, pensar o processo de organização à luz do rizoma desterritorializa a organização, remove dela a ordem que é sua terra e a reterritorializa em outro espaço, que é aquele mesmo do questionamento da ordem estabelecida, o espaço nômade. Ora, como poderia se pensar organização tomando dela algo que lhe é fundamental? Somente afastando o processo de organizar das ideias de ordenamento a que estão subordinadas, somente pensando-o por meio de metáforas, tomando-a rizoma, visualizando-a como máquina de guerra.

As metáforas aqui apresentadas se constituem como conceitos filosóficos. Como tal, não se encaixam uns nos outros, não se complementam, não se ajustam. Seus limites não são claros nem bem definidos, eles nascem de lances de dados, não compõem um quebra-cabeças, assim são os rizomas. Os rizomas se desenvolvem em relação a um plano liso, vetorial, topológico, em oposição a um plano estriado, métrico, ordenado. Um plano liso, nômade, onde se encontra o sujeito falta-a-ser e

a contingencia que lhe é própria segue em direção ao infinito e dobra-se sobre si mesmo.

Um espaço nômade, liso, se situa entre dois espaços estriados: de um lado a floresta, de outro a agricultura. O primeiro, conta com suas verticais arborescentes, o segundo, quadriculado, composto de linhas e paralelas. O espaço nômade é, portanto, ladeado, limitado, contido por estes campos que o comprimem. A oposição é direta entre eles, que se opõem ao desenvolvimento do rizoma, enquanto este se volta contra os primeiros. Corrói as florestas, impõem-se por sobre as terras cultivadas.

O plano de imanência, liso, inclinado, conforme delineado por Deleuze e Guattari não compreende um processo de organização que pretenda ordenar, eliminar a incerteza, afastar-se do indecível. Este plano contempla a diferença, incorpora o fluxo e o movimento. Neste plano de imanência pode-se imaginar uma organização emergente. Um processo de organizar que se dá primordialmente no subterrâneo, nas fendas, nas margens.

Contudo, como forma organizacional, em sua relação conjuntiva [e] com o sujeito falta-a-ser, esse devir-organização-rizoma disputa espaço na superfície, sendo, muitas vezes, eclipsados pelas formas hegemônicas de organização, consagradas

pelo Estado e pela ciência hegemônica. Ainda assim, “cada vez que há operação contra o Estado, indisciplina, motim, guerrilha ou revolução enquanto ato, dir-se-ia que uma máquina de guerra ressuscita” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 60). Ora, se as formas tradicionais lhes fazem sombra, o rizoma brota nos espaços entre elas, sendo nas brechas e nas fendas mais subterrâneas que o sujeito falta-a-ser emerge para desterritorializar o plano estriado em direção ao liso, que como um rizoma que não cessa de emergir.

Diferente de uma organização-árvore, sobre a qual se organizam níveis estruturais, tenha ela uma raiz única, central, pivotante, tenha ela como base uma raiz fasciculada, com radículas múltiplas. Em qualquer caso organização-árvore tem raiz. A organização-árvore tem um fundamento, é uno. Uno que se tornam dois em um movimento dicotômico que desemboca em lógica binária, platônica. As tentativas frustradas de multiplicidade representadas pela base mais ampla de uma raiz fasciculada correspondem a uma saída moderna, na qual se quebra a raiz pivotante em uma série de raízes que garantem sua estabilidade, sua direção, sua linearidade, garante, pois o processo sócio-metabólico do capital.

Uma organização-rizoma, assim como o sujeito falta-a-ser, seria aquela que se estende por entre as demais. Não se estabelece, se esgueira e preenche os vazios.

Um devir-organização que “existe exclusivamente entre os grandes espaços não cultivados”, percorre o subterrâneo e emerge extemporaneamente (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 30). A organização rizomática se constitui na disputa e seus objetivos são múltiplos e contingentes, o rizoma que cresce para não sei onde, tornando-se em broto, bulbo ou ramo conforme o que se lhe é apresentado à frente. Como máquina de guerra, se projeta em um saber abstrato, não estruturado, formalmente distinto daqueles que espelham os aparelhos de Estado.

A organização rizomática não oferece um novo modelo em substituição àqueles que pretende derrubar. Ora, também a erva, rizoma que é, não pretende uma nova árvore no lugar da que circunda, ou uma nova lavoura por entre a qual se esgueira. Pretendem apenas a sua florescência, se fazer ver, se fazer permitir. A erva que está ali reserva o seu lugar, ela está, simplesmente. Concorre com as grandes arborescentes por luz, por nutrientes, por espaço. No terreno social, os espaços que se criam demarcam propriamente as fissuras em uma ideologia hegemônica. Tais espaços, contudo, são contaminados pelo germe do rizoma que ali se instalou e, a partir daí, não se sabe, nem se pode prever, se broto, bulbo ou ramo emergirão a seguir. Devir-organizações que se organizam à imagem do rizoma contemplam uma saudável indisciplina, um questionamento da hierarquia, fluxos de abandono e traição, que garantem a inconformidade do

coletivo, a dinamicidade de suas linhas e contrariam processos rígidos de estruturação.

(IN)CONCLUSÕES

Discutimos nesse ensaio que a visão de mundo dominante na modernidade parte de pressupostos que levam ao pensamento do Uno, traduzido pelas falsas dicotomias sujeito/objeto, ação/estrutura, teoria/prática, espaço/tempo. Esse pensamento identitário, herdeiro do platonismo, ganha fôlego com a renascença e a reforma protestante advindo daí uma noção de homem essencialista, fixa e racional. Diante dessa ideia de homem se erguem os pilares do pensamento moderno: racionalidade, liberdade e individualismo, princípios que constituem e organizam a sociedade, suas instituições e suas práticas.

Esses princípios estão presentes também nos fundamentos da teoria organizacional na sua vertente clássica, estrutural-sistêmica funcional (MISOCZKY, 2003). A ideia de organização aqui se compara com aquela da organização-árvore em Deleuze e Guattari, suportada por uma raiz pivô sobre o qual se desdobram ramificações próprias dos espaços estriados, espaço da ordem e da métrica, bem como com a ideia de sujeito-substância.

Assim, o que se pretendeu aqui foi refletir sobre a noção de sujeito falta-a-ser da psicanálise lacaniana e a organização-rizoma em Deleuze e Guattari, ambas noções em oposição respectivamente ao sujeito substância do pensamento moderno e da organização-árvore que lhe é subjacente. Desse modo, o que fica aqui de nossa reflexão é que o pensamento administrativo, tributário que é do pensamento da tradição filosófica ocidental, se fundamenta em uma noção identitária de homem, cujo corolário é o sujeito-substância, racional e autônomo.

Com base nessa visão de homem erige-se uma abordagem organizacional fundamentada no positivismo, o que pode ser evidenciado, nesse ensaio, pela metáfora da organização-árvore. Como alternativa a essa visão de mundo, propusemos o sujeito falta-a-ser e seu devir, atravessado por *afetos* que por mais que a hegemonia queira eliminar estriando e arborizando o espaço, não consegue! Sempre fracassa, pois nas brechas e sulcos encontramos o espaço liso, fonte inesgotável de desejos e linhas de fuga, encontramos, pois a organização-rizoma e o sujeito falta-a-ser em toda sua complexidade!

Assim, em uma organização-rizoma em conjunção com o sujeito falta-a-ser flui a multiplicidade, a não-linearidade, a criatividade e as horizontalidades. No rizoma as identidades nunca são dadas a priori, jamais são sólidas, mas antes,

constituídas na precariedade do dia-a-dia da luta política. Não são, portanto, identidades rígidas, mas fluidas e incompletas, sendo, pois, mais *afetos* (no sentido psicanalítico) que sentimentos. Tal fluidez e inconsistência revelam-se no rizoma, mais líquido do que sólido, que, por certo, só pode se pensar em relação a conceitos cuja história se desdobre em espiral, cruze outros problemas, acomodem-se em relação aos outros conceitos em seu *devoir* e suas conexões.

Lacan, Freud, Deleuze, Guattari, ao lado de Ricouer, Agamben e acompanhados de Parker, Clegg, Hardy, Misoczky, Alcadipani, Paes de Paula. Nomes próprios justapostos, nomes de família, referências. Diriam os autores da possibilidade de conexões que ora intentamos? Talvez não. E melhor seria que não, ou correríamos o risco de nos convertermos em plagiadores baratos. O empreendimento aqui nos é caro, nos toma muita energia e traduz um complexo exercício de pensamento engendrado em nossas estradas, parte conjuntas, parte cruzadas, parte distantes. Lembramos Deleuze (1992, p. 14) que, em suas Conversações, afirma que só lhe interessa voltar-se à história (da Filosofia, no caso) para abordar os autores por trás, fazendo-lhes uma “uma enrabada ou, o que dá no mesmo, uma imaculada concepção”. Diz o francês que é preciso colocar um dado texto na boca de um autor, algo que ele não tenha, efetivamente dito, mas poderia. Nos interessa aqui fazer do ensaio máquina de guerra, submetermo-nos a uma polinização (como diz Peter Pal Pelbart) ou a uma

contaminação (como gostaria Artaud). Experimentar o revezamento dos conceitos, a tentativa de composição, exercitar ideias que ora se complementam e ora se repelem. Praticar o difícil exercício do pensar, que não é um fio estendido entre o sujeito e o objeto, nem uma revolução de um em torno do outro. Pensar, todavia, é aquilo que se dá na relação entre o território e a terra. (DELEUZE; GUATTARI, 1995)

Pensar em um organizar-se como rizoma é, portanto ser máquina de guerra, constituída de revezamentos, formar-se por nômades no lugar de uma cidade modelo. Tal máquina de guerra é consequência de uma organização nômade, a quem é negada uma história, mas não uma topografia de sulcos, furos, e linhas de fuga. Advogamos aqui mais pelos camelôs, com seu nomadismo, sua inconstância e sua fuga ao aparelho de captura do estado, do que pela empresa, pela corporação, com seus processos e estatutos. O camelô traça o mapa da cidade, a empresa faz decalque. Quando se decalca, captura-se o rizoma na tentativa de o paralisar em nome da organização-árvore: “quando um rizoma é fechado, arborizado, acabou, do desejo nada mais resta; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 23).

Desse modo, para cada novo dispositivo de captura da hegemonia, com sua ordem e métrica, seu espaço estriado de tempo cronometrado, emergem novas linhas de fuga, é o tempo do sujeito em ato que corta a ordem e a métrica e abre múltiplas

possibilidades e agenciamentos. É claro que a hegemonia trata de logo preencher os sulcos e fissuras e recobrar a ordem. Entretanto, essa é sempre uma tarefa fracassada, pois o sujeito falta-a-ser emerge nas bordas e franjas, na impureza e no erro e desloca a ordem estabelecida, abrindo novas possibilidades éticas e políticas de vida!

REFERÊNCIAS

ALCADIPANI, R; TURETA, C. Perspectivas críticas no Brasil: entre a “verdadeira crítica” e o dia a dia. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 504-508, set. 2009.

AGAMBEN, G. Ideia da prosa. Lisboa: Cotovia, 1999. 144 p.

AGAMBEN, G. Nudez. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 184 p.

CLEGG, S. R.; HARDY, C. Conclusão: representação. In CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Org.). Handbook de estudos organizacionais: reflexões e novas direções. São Paulo: Atlas, 1998. v. 2. p. 295-343.

DELEUZE, G. Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992. 232 p.



DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Kafka: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 160 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2007. v. 1. 128 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 4. 172 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2007b. v. 5. 240 p.

DELEUZE, G.; PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998. 166 p.

DERRIDA, J.; DUFOURMANTELLE, A. Da hospitalidade. São Paulo: Escuta, 2003. 144 p.

DOSSE, F. História do estruturalismo. Bauru: EDUSC, 2007. 110 p.

DOSSE, F. Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada. Porto Alegre: Artmed, 2010. 440 p.

FINK, B. O sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 256 p.

FOUCAULT, M. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 564 p.

FREUD, S. Conferência XVIII: Fixação em traumas. O inconsciente. Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago, 1996. [1916-17] v. XVI. 148 p.

HESSEN, J. Teoria do conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 192 p.

KUPFER, M. C. O sujeito na psicanálise e na educação: bases para a educação terapêutica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 265-281, jan./abr. 2010.

LACAN, J. O Seminário: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. liv. 11. 280 p.

LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 944 p.

LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, p. 27-43, jan./jun. 2004.

MISOCZKY, M. C. Abordagem de redes no estudo de movimentos sociais: entre o modelo e a metáforas. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 5, p. 1147-1180, set./out. 2009.

MISOCZKY, M. C. Da abordagem de sistemas abertos à complexidade: uma atualização. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, p. 419-442, ago. 2003.

MISOCZKY, M. C.; FLORES, R. K. A práxis-crítica na tradição do pensamento social brasileiro. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. VII, n. 3 p. 517-124, set. 2009.

MOSÉ, V. Nietzsche e a grande política da linguagem. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2011. 240 p.

NANCY, J. L. El intruso. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. 56 p.

NIETZSCHE, F.W. Humano, demasiado humano: texto integral. São Paulo: Escala, 2006. 288 p.

PAULA, A. P. P. Estilhaços do real: o ensino da administração em uma perspectiva benjaminiana. Curitiba: Juruá, 2012. 138 p.

PAULA, A. P. P. Abordagem freudo-frankfurtiana, pesquisa-ação e socioanálise: uma proposta alternativa para os Estudos Organizacionais. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 520-542, dez. 2013.

PEREIRA, D. C.; CARRIERI, A. P. Movimentos de desterritorialização e reterritorialização na transformação das organizações. RAE-Eletrônica, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 1-17, 2005.

RICOUER, P. Da interpretação: ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977. 442 p.

SANTOS, M. A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999. 392 p.

SERVA, M.; DIAS, T.; ALPERSTEDT, G. O paradigma da complexidade e a teoria das organizações: uma reflexão epistemológica. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 50, n. 3, p. 276-287, jul./set. 2010.

VAZ, H. C. L. Antropologia filosófica I. São Paulo: Loyola, 1991. 274 p.

O sujeito lacaniano e a organização rizomática: devires-máquinas-de-guerra

Resumo

Este ensaio buscou problematizar as bases epistemológicas da noção de sujeito que subjaz à ideia hegemônica de organização, suportada por um regime de verdade pautado na racionalidade, no individualismo e na finalidade. Foram mobilizadas as noções de rizoma e máquina de guerra, de Deleuze e Guattari, e seu rompimento com o pensamento binário que impera na filosofia ocidental. Em Lacan, o sujeito é sempre falta-a-ser, atravessado por desejos e afetos inconscientes. Em Deleuze e Guattari, os espaços sociais, entre lisos e estriados, fluem em linhas de fuga que constituem rizomas, irrompendo dos subterrâneos pelas fendas e fraturas em um incessante processo de des(re)territorialização que desloca a ordem estabelecida. Assim, propomos que em uma organização-rizoma em conjunto com o sujeito falta-a-ser, flui a multiplicidade, a criatividade e as horizontalidades capazes de questionar a ordem estabelecida. O formato ensaístico afasta-nos da pretensão de conclusões fechadas enquanto propicia o exercício do livre pensar e autoriza as experimentações dos autores e leitores do texto.

Palavras-chave

Sujeito; Rizoma; Organização.

The lacanian subject and the rhizomatic organization: war-machines-becomings

Abstract

This essay intends to question the epistemological basis of the notion of subject that underlies the hegemonic idea of organization, supported by a regime of truth founded on rationality, individualism and finality. Deleuze's and Guattari's notions of rhizome and war machine were mobilized, and their break with binary thinking that prevails in Western philosophy. In Lacan, the subject is always "lack of being", crossed by unconscious desires and affections. In Deleuze and Guattari, the social spaces between smooth and striated, flow into drain lines which are rhizomes, erupting from underground through the cracks and fractures in an unceasing process of un(re)territorialization displacing the established order. Thus, we propose that in an rhizome-organization multiplicity, creativity and horizontalities flows together with the subject "lack of being", able to question the established order. The essay form separates us from the claim of closed conclusions while promotes the exercise of free thinking and authorize the trials of the authors and the readers of the text.

Keywords

Subject, Rhizome, Organization.

El sujeto lacaniano y la organización rizomática: devenires-máquinas-de-guerra

Resumen

En este trabajo se ha cuestionado las bases epistemológicas de la noción de sujeto que subyace a la idea hegemónica de la organización, con el apoyo de un régimen de verdad fundada en la racionalidad, en el individualismo y en la finalidad. Fueran movilizadas las nociones de rizoma y de máquina de guerra, de autoría de Deleuze y Guattari, y su ruptura con el pensamiento binario que prevalece en la filosofía occidental. En Lacan, el sujeto es siempre falta-a-ser, atravesado por deseos inconscientes y afectos. En Deleuze y Guattari, los espacios sociales entre liso y estriado, fluyen en líneas de fuga que son rizomas, en erupción desde el subsuelo a través de las grietas y fracturas en un proceso incesante des(re)territorialización desplazando el orden establecido. Por lo tanto, proponemos que en una organización-rizoma junto con el sujeto falta-a-ser, fluye la multiplicidad, la creatividad y las horizontalidades capaces de cuestionar el orden establecido. El formato de ensayo nos aleja de la pretensión de conclusiones cerradas, mientras promueve el ejercicio de la libertad de pensamiento y autoriza las experimentaciones de los autores y lectores del texto.

Palabras clave

Sujeto, Rizoma, Organización.

Autoria

Kettle Duarte Paes

Doutora em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Adjunta da Universidade Federal de Rio Grande. E-mail: kettlep@yahoo.com.br.

Felipe Amaral Borges

Doutorando Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: ffbamaral@gmail.com.

Endereço para correspondência

Kettle Duarte Paes. Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis, Av. Itália, Km 8, s/n, Rio Grande, RS, Brasil. CEP: 96201-900. Telefone: (+55 53) 32935081.

Como citar esta contribuição

PAES, K. D.; BORGES, F. A. O sujeito lacaniano e a organização rizomática: devires-máquinas-de-guerra. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n. 7, p. 670-720, ago. 2016.

Contribuição Submetida em 16 jan. 2015. Aprovada em 15 abr. 2016. Publicada online em 6 set. 2016. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.

